

Vamos falar sobre intimidade?¹

Cássia Teixeira Assef,² Marília

Resumo: A autora discute, através de fragmentos de um caso clínico, a construção de intimidade pela dupla analítica dentro do setting, do campo analítico, levando em consideração a questão do tempo para que o desenvolvimento da dupla possa ocorrer. Relaciona o processo de formação, a análise de alta frequência (do analista em formação e do paciente) com a possibilidade da construção de intimidade com a vida mental do analisando e do próprio analista.

Palavras-chave: formação, intimidade, tempo, análise de alta frequência, campo analítico

Vivemos em tempos que privilegiam soluções fáceis, rápidas e superficiais para os conflitos psíquicos. No entanto, há algo precioso do contato humano sendo negligenciado: a intimidade.

Em tempos em que tudo poderia ser “facilitado” e superficializado, acredito ser necessário falarmos de relações verdadeiramente significativas na constituição de um sujeito pensante que seja capaz de amar. Proponho falar de intimidade: algo que se constrói ao longo do tempo em uma relação de confiança na qual a dupla se empenha em busca de sua verdade, na esperança de que ela possa se fazer presente novamente ou pela primeira vez, em uma relação significativa, para que possa se transformar em uma representação interna.

Tempo, espaço e intimidade

Durante minha formação, sempre me ocorreu o questionamento de se era possível construir intimidade com apenas uma sessão semanal. Esse assunto há muito me intrigava e trazia para meu dia

1 Este trabalho foi originalmente apresentado em Reunião Científica na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) na data de 17 de novembro de 2022, no modo online.

2 Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e do GEP Marília e Região.

a dia muitas inquietações como analista em formação, e analisanda. Como analisanda, frequentava minha análise quatro vezes por semana. Como analista em formação precisava de pacientes que se dispusessem a fazer uma análise também de alta frequência para a escrita do relatório. Como isso se daria?

As coisas começaram a se transformar quando fui entrando em áreas de intimidade comigo mesma.

Segundo o casal Baranger,

A situação analítica deve ser formulada ... como situação em que duas pessoas estão indefectivelmente ligadas e complementares enquanto a situação durar e envolvidas num mesmo processo dinâmico. Nessa situação, nenhum membro desse par pode ser entendido sem o outro. (2010, p. 187)

Um longo percurso de análise pessoal junto com a formação e seus requisitos formais foi essencial para tal movimentação e transformação.

É preciso da companhia de um analista mais experiente, que se disponha a acompanhar nossa travessia, em que ambos, analista didata e analista em formação, estejam imbuídos de esperança e de confiança no método psicanalítico, em um contexto afetivo, para nos aproximarmos mais de quem somos, ainda que isso seja, por vezes, muito difícil. Uma análise dispense muito investimento: de tempo, investimento financeiro e considero que é preciso ter um tanto de coragem, visto que a jornada é longa e perigosa.

Segundo o *Michaelis: dicionário brasileiro da língua portuguesa*, intimidade se refere a qualidade ou característica do que é íntimo:

Íntimo (adj.): 1) relativo a ou que compõe a essência de algo; 2) que se origina ou existe no âmago de uma pessoa; 3) relativo a ou que tem lugar nos recantos da mente ou da alma; entre outros. Íntimo (subst.): 1) pessoa com que se tem uma relação muito próxima de afeição e confiança; 2) a parte mais profunda de algo, âmago; 3) o mais secreto, o mais profundo da mente ou da alma (Trevisan, 2015).

Intimidade, sendo qualidade do íntimo, é ter contato com o interior de si ou do outro.

Segundo Levy,

a vivência de intimidade é uma experiência emocional de contato consigo mesmo e com outro sujeito. A emoção experimentada no contato com o outro sujeito é o elo entre os dois e aquilo que permite conhecer a intimidade das emoções de si mesmo e daquele com quem estamos em contato. (2017, p. 111)

A intimidade compreendida em um espaço (setting) e seus tempos, proporciona um clima que permite à análise acontecer. Considero o tempo da sessão analítica, e outros tempos que se apresentam dentro da sessão: presente, passado e futuro. Também tomo em consideração o tempo unidirecional: o tempo que passa, os muitos anos que uma análise leva.

Em seu trabalho “O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos”, Melanie Klein (1940/1996) assinala que:

Na criança pequena, as experiências desagradáveis e a falta de experiências prazerosas, principalmente a falta de contato íntimo e feliz com pessoas amadas, aumentam a ambivalência, diminuem a confiança e a esperança e confirmam as ansiedades a respeito de aniquilação interna e a perseguição externa; além disso, retardam ou interrompem permanentemente os processos benéficos através dos quais se atinge a segurança interna a longo prazo. (Klein, 1940/1996, p. 390)

A transformação de experiências emocionais, inicialmente em estado bruto, em emoções pensáveis, pode acontecer quando análise e intimidade são vivenciadas pela dupla.

Na intimidade conquistada, para que a análise aconteça, é possível entrar em contato com aspectos estranhos/familiares (Freud, 1919/1996) do paciente (e do analista) que vão se apresentando ali na intersubjetividade, conforme as novas narrativas vão sendo tecidas.

A vivência de intimidade é uma experiência emocional de contato consigo mesmo e com outro sujeito.

A questão da intimidade me intrigava em um atendimento que ora descrevo. Desejava muito poder estar mais com Bob,³ pois, desde o início, ele me provocava inquietações, mas “sempre me escapava”. Parecia que ele queria e não queria o contato, que ele tinha medo e, ao mesmo tempo, desejo, denotando a ambivalência que todo contato suscita. Estar próximo, ser íntimo de alguém me parecia uma questão delicada para esse paciente. Com o passar dos anos de minha análise pessoal e da análise do paciente, minha supervisão oficial em curso, a necessidade de dar continuidade aos requisitos para a formação como analista, entre eles, a apresentação de um relatório de um atendimento de alta frequência, algo foi se delineando em mim, em Bob, entre nós, o terceiro analítico (Ogden, 1994/1996b). Talvez não precisasse citar, mas considero minha análise ser uma necessidade, independentemente dos requisitos da formação e, também, uma oportunidade para que eu pudesse viver a experiência emocional de intimidade.

Depois de muitos anos, Bob aceita que precisava ter uma mente capaz de conter os próprios pensamentos e suas emoções – um aparelho de pensar os pensamentos (Bion, 1861/1991a) – e aceita aumentar a frequência para três e depois para quatro vezes por semana. Depois de ser pai, sentia uma dor profunda, que entendi como um elemento de psicanálise (Bion, 1963/2004), que me comoveu: a dor de que talvez não conseguisse dar aos filhos o amor que não descobrisse em si. Suas defesas para não sentir a mistura do que ele não compreendia (confusão/excitação/agitação/culpa) não funcionavam mais.

A seguir, relato o que se apresentou ao longo dos primeiros anos que estivemos juntos em uma frequência de uma vez na semana, e a transformação que se deu no campo analítico a partir da abertura para a intimidade com o aumento da frequência das sessões.

Quando começamos, Bob dizia-me que tinha apenas lampejos sem conexão com outros vestígios de lembranças de sua infância. Fragmentos de uma mente fragilmente constituída, que se

3 Bob é um nome fictício, a fim de preservar a identidade do paciente, e a quem agradeço estar comigo ao longo dessa jornada.

desorganizava diante da turbulência emocional (Sandler, 2005/2021) suscitada no encontro com o outro.

Sentia-se muito ansioso e confuso em relação a tudo. Diante da intensidade de sua vida psíquica (Perrini, 2011), nunca sabia o que fazer, não entendia como as relações funcionavam. Diante do caos emocional que vivia, Bob resistiu bravamente, furtando-se de viver experiências diante de tamanhas angústias. Descrevia-se como um *analfabeto* emocional.

Bob me comunicava emoções/sensações, sua angústia, seu desespero, o desânimo, a desesperança. Eu me sentia desvitalizada. Ele se evadia do contato. Eu me animava com assuntos que ele me trazia, conteúdos interessantes, que buscavam um continente. Mas a seguir, ele recuava. Seria medo ou pavor de intimidade?

Bob usava metáforas para descrever como se sentia. Por exemplo, dizia que se sentia como se fosse o responsável por receber e distribuir os pacotes de produtos para as seções de uma loja de departamentos. Como não discriminava, deixava os pacotes se acumularem no depósito. Sua mente-saturada/depósito-abarrotado não podia aprender com as experiências (Bion, 1962/2021).

Bob acreditava que as mulheres não eram dignas de confiança. Como sou uma mulher, é possível que ele tivesse a mesma opinião a meu respeito.

Houve um tempo em que eu tinha um aparador dentro de minha sala. Bob chegava e colocava sobre ele carteira, chaves, óculos. Essa atitude dele me remetia à cena de um marido chegando do trabalho e despejando sobre um móvel os pertences que só utilizava na rua, para adentrar propriamente a casa e ficar mais à vontade. Isso me parecia intimidade...

No entanto, nosso contato transcorria de maneira afetivamente desapegada, detectava pouca emoção genuína no campo analítico. Eu ficava angustiada com o distanciamento imposto. Fui me sentindo como um imenso depósito/depositária das pendências que ele não conseguia/se dispunha a encaminhar. Formamos assim nosso baluarte ao redor do qual ficamos presos por anos:

o baluarte é aquilo que o analisando inconscientemente não quer colocar em jogo, e que é penoso também para o analista enfrentar em si e, por consequência, difícil de enfrentar com o paciente. ... tem uma função de refúgio, de “imunidade parlamentar ou diplomática”, por assim dizer, a qual pretende onipotentemente proteger ambos da dupla de entrarem em contato com estados muito primitivos, como desvalia, vulnerabilidade, desamparo. (Knijnik et al., 2012, p. 152)

Quem tem medo de intimidade?

Meltzer afirma:

uma experiência emocional é o encontro com a beleza e o mistério do mundo que desperta um conflito entre L, H e K e -L, -H e -K. Embora o significado imediato seja experimentado como emoções, talvez tão diversas quanto os objetos capazes de evocá-las nessa forma imediata, o seu significado sempre se refere, em última análise, às relações humanas íntimas. (Meltzer, 1990, p. 22)

Reserva o termo “relações humanas ‘íntimas’” para as experiências emocionais capazes de desencadear o pensamento (p. 23).

Depois de anos, contou-me, em tom de confissão, que já gostava um pouco de quem ele era. Lembrou-se de uma estória de um homem de areia que quer entrar no mar, mas teme se diluir e não ser mais ninguém. Recua. Já tinha colocado o pé na água, já não podia mais sair. Faltava-lhe coragem para continuar. O medo o paralisava, mas àquela época, menos apavorado, tinha curiosidade e até vontade de entrar no mar. Lembrei-me do conto de Hoffmann, descrito por Freud em seu texto “O estranho” (1919/1996).

Talvez ele intuisse que precisava de intimidade para ir em busca de sua verdade. Mas temia se diluir e deixar de existir. Uma ansiedade da posição autista-contígua? (Ogden, (1994/1996b). Não cabe no presente trabalho o tema Posição autística-contígua, o qual, pela importância, merece ser escopo de outro artigo.

Durante esse tempo, sentia seu medo/desejo de se aproximar. Eu tinha uma intuição de sua pré-concepção de self (Mattos, 2018) e pensava que ele poderia fazer análise. Naquele momento de minha formação imaginava que para ser considerado análise, o processo deveria contar com uma frequência maior que uma vez na semana. Voltarei a esse ponto em minhas considerações finais.

Tivemos que nos adaptar ao sistema online devido à pandemia do covid-19. Ao final de uma sessão, ele me pareceu triste no momento em que nos despedimos. Quando lhe perguntei sobre isso, ele respondeu: “não é nada, não. É que o tempo passa rápido demais na sessão, e daí só semana que vem. Se bem que parece que pisco, e já é dia da sessão de novo”. Pareceu que ele entrou em contato com a emoção suscitada pela nossa separação, mas rapidamente negou seu sentimento. Também negou a passagem do tempo.

Senti que algo estava se modificando no nosso contato. Depois de desejar que ele frequentasse a análise mais vezes na semana, eu percebi que não pensava mais nisso.

Ele trazia sua tristeza e desesperança e questionava sua capacidade de amar. Certa vez, me disse: “Tenho medo de me movimentar. Prefiro ficar quieto, embora fique sempre apavorado, esperando que uma tragédia aconteça!”

Descrevia a guerra entre os impulsos de vida e de morte que vivia em seu mundo interno e que transferia para nosso encontro (Baranger, 1981). Vivia imerso no horror. Ficava consternada com as dores sofridas, que ele não podia sentir.

Ele desconfiou da razão da minha proposta de aumentar o número de sessões. Projetou em mim o querer. Lembrou-se da mãe. Pareceu-me que seu objeto interno tinha características de seduzir e controlar.

Fez sentido o homem de areia e o medo de ser engolfado, medo de se perder na imensidão do mar (da mãe/analista). Ficou mais claro o horror e a resistência à intimidade, que, no seu sistema de crenças, representa perigo de morte (se diluir e não ser mais ninguém).

Quando, enfim, Bob aceitou ampliar nossos horários, criamos mais condições para que emoções em estado bruto, sensações,

pudessem ganhar sentido – serem simbolizadas. Passamos a ter mais tempo. Estávamos mais preparados (?) para entrar na intimidade, apesar do medo. Estar em contato íntimo não é pouca coisa, pois ficamos diante do objeto com sua beleza e seu mistério, seu interior intangível. Esse é o elemento imprescindível ao desenvolvimento da imaginação especulativa, do pensamento criativo – o conflito estético (Meltzer, 1975/1988), que põe a mente para trabalhar, para criar formas simbólicas que representem algo da experiência emocional suscitada pelo encontro.

Depois de aceitar ampliar os horários para três sessões, o contato se intensificou. Passamos a falar mais livremente de territórios antes proibidos, abrindo espaços para novas explorações e possíveis transformações, e as emoções foram aparecendo. Comunicou a diminuição do seu medo do contato/dependência, que passou a ser vivido com menor ansiedade. Senti que ele começou a internalizar e a contar mais com um objeto que compreende (Bion, 1959/1991b). O campo começou a se movimentar (Baranger & Baranger, 1962/2010). Passei a sonhar com ele e com minha analista como nunca. Então, deparei ainda mais com minhas questões sobre intimidade.

Sonhos: intimidade abrindo caminhos

Depois de um ano e meio sem contato presencial, ele me pediu para vir presencialmente. Respondi que sim e, no horário da sessão, fui abrir o portão. Senti algo que se pareceu com um campo de forças imantado: atração e/ou repulsão. Estranhei aquela sensação. Pedi a ele que se sentasse na poltrona que estava a uma distância segura (protocolo de segurança para prevenção de contaminação por covid-19). Então, ele entrou e deixou a carteira e chaves sobre uma mesa de apoio ao lado da poltrona. O mesmo “deixar seus pertences na mesa” soou diferente. A falta de intimidade era explícita, ele não conseguiu disfarçar.

Ficou me olhando. Pareceu estar pouco à vontade na minha presença. Naquele momento senti que ficamos desconfortáveis por

estarmos juntos, presencialmente, depois de muitos meses. O campo imantado permanece. Senti algo bem estranho/familiar, sentimento íntimo talvez recalcado na infância (Freud, 1919/1996). Fui tentando pensar sobre esse sentimento que se nos apresentou. Então entabulou uma conversa que me pareceu social/superficial (Meltzer, 1975/1986). Eu o ouvi ainda imersa naquele sentimento de estranho.

Começou a dizer que um assunto qualquer se apresentava no contato, e impedia que ele e a esposa pudessem falar sobre coisas mais importantes da relação deles. Um assunto qualquer também se interpôs entre nós, e nos desviou de falarmos sobre algo importante, que se apresentava ali, naquele momento: aquele estranho sentimento.

Senti que algo travou no contato. Estávamos em presença um do outro e diante de uma enorme tensão no campo. A sensação perdurou por longos minutos. Pensei e disse a ele que pareceu que um assunto foi pulado. E perguntei:

A – Como está sendo para você estarmos aqui, hoje, agora?

B – Estava aqui perto e resolvi arriscar, vai que ela me atende, pensei! Daí você disse que ia atender, correu se arrumar e estamos aqui! (e ri).

Pensei no uso do humor como defesa, para fugir da dor sentida com a separação devido à pandemia e com o desejo de ter intimidade comigo e com suas próprias emoções, o que ficava impedido pelo medo, pela resistência. Fiquei quieta e guardei.

B – É muito diferente a entonação de voz, o cheiro, a privacidade na presença, ... online, a conexão às vezes cai, o vídeo trava...

A – Sim, a presença física faz muita falta! Mas eu acho que a sessão aqui e agora está travada!

Penso na importância da presença física, impedida durante a pandemia, e no impacto que causa, pois toca na questão da intimidade, que se apresentou como perturbadora para nós. Estive impactada com sua presença, algo forte me invadiu durante aquela sessão.

Segundo Meltzer,

as pessoas e coisas têm uma valência positiva ou negativa, de acordo com o que é sentido em relação aos pais, variando a intensidade da valência com o grau de intimidade, amistosidade ou hostilidade ..., sabemos que uma valência edípica negativa aparece no momento em que se suspeita de uma intimidade muito positiva com uma figura parental. ... seguramente podemos afirmar que as crianças avaliam seu analista sob esse prisma: um olho nos pais e o outro no analista, observando sua interação nos momentos de encontro. (1967/1971, p. 2)

Fiquei mais à vontade e no final da sessão ele me contou:

B – Essa noite sonhei com uma gravidez, e no sonho pensei: uma vida estava sendo gerada, e eu participava do processo! Que sonho louco! A barriga estava bem grande, eu podia ver o bebê lá dentro.

A – Acho que só agora a sessão destravou!

Na semana seguinte, novamente pediu para vir presencialmente. Eu o atendi. Ele chegou dizendo que engordou muito e que suas roupas estavam apertadas. Ficou com as mãos cruzadas sobre a barriga. Pareceu tentar esconder uma gravidez aparente, o que revelava que uma relação tinha acontecido e que já não tinha mais como negar. A intimidade, esse contato emocional estreito entre analista e analisando, foi proporcionando “crescimento”, expansões, um terceiro analítico (Ogden, 1994/1996b), que se revelaram através dos sonhos.

Ao pedir para vir presencialmente, penso que ele estava derrubando suas defesas tão laboriosamente erigidas para evitar a turbulência do contato. No cenário analítico, a distância segura talvez estivesse a serviço de evitar que eu me convertesse em uma representante da mãe intrusiva, de uma “presença excessiva de outros significativos, que não conseguem se tornar ausentes e permanecem no psiquismo sob a forma de roteiro relacional que invade permanentemente o ego” (Sapisochin, 2019/2021, p. 105).

A compulsão à repetição, como se sabe, responderia pela dificuldade de o paciente assimilar modos novos de viver e sentir aos seus, incorporados por identificação com os objetos originais, repetindo padrões de conduta e de sentimento à exaustão. (Knijnik et al., 2012, p. 153)

O conceito de campo analítico nos impele a pensar que as dificuldades que surgem no relacionamento analítico de modo bidirecional não se devem à responsabilidade do paciente ou do analista, à resistência de um ou de outro. Representam uma patologia específica de uma estrutura intersubjetiva, fruto de transferências cruzadas, de identificações e contraidentificações projetivas. Então, também tive que me haver com o que me pertencia no nosso contato.

Considero a vivência de minha análise e o atendimento em alta frequência como uma oportunidade. O candidato a analista, ou analista em treinamento, pode entrar em contato com sua própria intimidade e passear pelos subterrâneos de sua própria mente, o que é tão necessário a quem pretende ser acompanhante de outro que deseje ir em busca de sua própria verdade.

Enfim a análise?

Com o aumento da frequência para três vezes por semana, os sonhos tornaram-se mais frequentes e intensos.

B – Tive um sonho muito louco essa noite. Sonhei que eu estava sobre um rio congelado. De repente, o gelo começou a quebrar. A princípio achei divertido, mas a rachadura no gelo foi aumentando. Então, eu me vi embaixo d'água. O rio corria rápido e era caudaloso. Embaixo d'água, vi uma pedra enorme à frente. Eu ia bater nela. Acordei assustado.

Penso que o sonho de Bob revelou o descongelamento de suas emoções, que puderam ser sentidas como um fluxo rápido despertado pelo maior número de sessões, aumento da intensidade do contato e

o medo decorrente disso. Isso o deixava apavorado, ele sentia que podia morrer. Nascer poderia ser igual a morrer? Fazer uma travessia, saltar-se nas águas, poderia ser uma catástrofe?

Estivemos diante de uma mudança catastrófica (Bion, 1970/2007). Quando suas emoções começaram a ser sentidas mais intensamente, o medo apareceu na mesma proporção. Ao mesmo tempo, a possibilidade de mudança também se apresentou. A intimidade com a vida mental inconsciente produz abalos sísmicos no território consciente.

As sessões foram seguindo, e eu me dei conta de que estive identificada com ele ao longo dos anos em muitos aspectos, “nosso baluarte”. Ao perceber isso, senti algo vertiginoso, emoções estavam ao meu dispor. Possibilidade de mudança catastrófica.

Havíamos conquistado uma intimidade dentro da qual o crescimento estava sendo possível. Depois de alguns dias de muito entusiasmo, Bob voltou desanimado. Confiei que algo tinha sido construído e estava em expansão.

Acredito no método do trabalho analítico e no vínculo. Baseada nessa convicção, convidei-o para a quarta sessão, e ele aceitou.

O trabalho, com o aumento no número de sessões, enriqueceu nosso contato e a cada um de nós. Mas os medos se intensificaram diante desse campo aberto pelo contato ampliado.

Certo dia, enquanto ele me contava episódios de sua vida, eu pensava serem histórias que ele repetia para mim, mas que, pela primeira vez, talvez tivessem ganhado um novo sentido. Senti uma forte emoção, que pensei ter sido compartilhada.

No dia seguinte, segunda sessão da semana, ele conta um sonho confirmando o compartilhamento da emoção vivida no campo analítico, a experiência de intimidade do dia anterior.

B – Estávamos num parque conversando. Você estava usando uma blusa de mangas compridas. Então você arregaçava uma das mangas e me mostrava uma cicatriz, dizendo que não é que você não tinha emoções, mas que não demonstrava por causa daquela cicatriz.

Na terceira sessão da mesma semana, ele conta outro sonho: “estava numa balada. Eu estava com uma garota que se insinuava tentando me seduzir. Começamos a nos beijar, e eu estava excitado. Ela começou a me levar para fora da balada e perguntou se podíamos ir pro meu carro. De repente, me veio a ideia de que ela poderia ser uma prostituta, o que ela confirmou”. (Ele tinha pago as sessões do mês naquele dia.)

Desconfiava que meu interesse por ele não fosse genuíno e, naquele momento, desconsiderou a qualidade do nosso vínculo. Ele dissecou, cindiu o contato e atacou o elo que permitia nossa ligação, ficou com a parte não-neurótica de sua personalidade e sua teoria de persecutoriedade (Bion, 1959/1991b).

Mais uma vez se apresentava o modelo de relações de objeto, e ele revivia o antigo: o “medo/perigo da intimidade” em forma de sonhos, mas que agora ele trazia para que pudéssemos conversar em sessão em vez de atuar o afastamento diante das emoções com o contato.

Seguimos caminhando um percurso da dupla que se dispôs a fazer o trabalho analítico: meu, enquanto vir-a-ser analista, desenvolvendo minha condição de continência e de não-saber, e dele, paciente em busca de sua verdade. Seguimos vivendo a história do vínculo, a possibilidade de uma novidade poder se apresentar, um terceiro nascido da dupla, agora considerando a passagem do tempo.

Considerações sobre a formação

Entre uma sessão e outra de análise, entre uma supervisão e outra, vou percebendo a diminuição das idealizações, acolhendo melhor as paixões, mais em contato com as questões do mundo interno, mais satisfeita com a vida de relações. Os estudos nos seminários, a análise, a supervisão, a participação na instituição e a manutenção da vida de relações têm sido fundamentais para que essa expansão/transformação aconteça.

Nesse momento gostaria de tecer alguns comentários a respeito do modelo proposto pelo nosso Instituto para a formação de um analista, o modelo Eitingon.

Estando submetida a esse modelo, cumprindo seus requisitos (análise didática com frequência de quatro vezes na semana por um período de cinco anos, apresentação de dois relatórios supervisionados por analistas com função didática, cumprindo seminários clínicos e teóricos no Instituto), vivencio uma imersão tamanha, que me proporciona a experiência que tento descrever neste trabalho: a intimidade, experiência emocional com minha própria mente e com aqueles que me procuram. A formação tem me proporcionado a realização de um objeto esperado e ansiado. No encontro com esses outros, a Instituição e seus representantes, nas figuras do analista, supervisor, coordenadores de seminários, colegas/irmãos institucionais, se dá a realização da pré-concepção de “seio institucional”. As vivências na Instituição, que constituem o quarto pé, acrescido ao tripé – análise, supervisão e seminários –, favorecem imensamente a formação do analista.

Estou de acordo com Franco Filho (2008) e com Vannucchi (2013) quando dizem que é preciso paixão para ser analista. Vannucchi diz que essa paixão precisará ser transformada em amor e conhecimento. Na minha experiência, isso tem sido possível dentro da imersão proporcionada pelos requisitos exigidos pela formação.

Considerações finais

Après-coup, consigo pensar que tudo o que se passou já era a análise, do jeito que podia ser, nas condições que a dupla tinha. A questão da intimidade é fundamental para que a análise possa acontecer, e para tanto o analista deve percorrer seu caminho para que possa experimentar intimidade com sua própria mente. Em suas “Conferências introdutórias”, Freud (1916[1915]/1969) adverte seus ouvintes de que “Aprende-se psicanálise em si mesmo, estudando-se a própria personalidade ... A pessoa progride muito mais se ela própria é analisada por um analista experiente e vivencia os efeitos

da análise em seu próprio eu (self)” (p. 29). Penso que essa possibilidade se apresenta quando a dupla se dispõe a trabalhar com alta frequência. Construir intimidade com alguém que talvez esteja experimentando pela primeira vez é trabalho de muito tempo, dentro do setting, dentro do campo analítico.

Abrandada a pandemia, resolvemos que Bob voltaria a frequentar meu consultório pelo menos um dia da semana. Ele chega e senta-se no divã. Diz que precisa me contar um sonho:

B – Sonhei que você se aproximava de mim, eu estava deitado numa cama, que parecia estar num ambiente parecido com este (referindo-se à sala de análise). Você se aproxima, e eu pergunto se você vai me beijar. Você me responde que não.

Depois de contar esse sonho, ele me olhou como se esperasse eu dizer algo para ele se acalmar. Disse que estávamos próximos, mas que ele poderia dizer a si mesmo que não estava confuso e poderia se tranquilizar. Ele então se deitou no divã e a sessão seguiu.

Um novo modelo de relação de objeto foi sendo experienciado por nós, na intimidade dentro do setting do espaço analítico. O campo foi se modificando depois de ter sido posto em movimento, ao longo do tempo.

¿Hablemos de intimidad?

Resumen: El autor discute, a través de fragmentos de un caso clínico, la construcción de la intimidad por parte del dúo analítico dentro del escenario, el campo analítico, teniendo en cuenta la cuestión del tiempo para que se produzca el desarrollo de la pareja. Relaciona el proceso de formación, el análisis de alta frecuencia (del analista en formación y del paciente) con la posibilidad de construir intimidad con la vida mental del analizante y del propio analista.

Palabras clave: entrenamiento, intimidad, tiempo, análisis de alta frecuencia, campo analítico

Let's talk about intimacy?

Abstract: The author discusses, through fragments of a clinical case, the construction of intimacy by the analytical duo within the setting, the analytical field, taking into account the issue of time for the development of the pair to occur. It relates the training process, high frequency analysis (of the analyst in training and the patient) with the possibility of building intimacy with the mental life of the analysand and the analyst himself.

Keywords: training, intimacy, time, high frequency analysis, analytical field

Parlons d'intimité ?

Résumé : L'auteur discute, à travers des fragments d'un cas clinique, la construction de l'intimité par le duo analytique au sein du cadre, du champ analytique, en prenant en compte la question du temps pour que le développement du couple se produise. Il relie le processus de formation, l'analyse à haute fréquence (de l'analyste en formation et du patient) avec la possibilité de construire une intimité avec la vie mentale de l'analysant et de l'analyste lui-même.

Mots-clés : formation, intimité, temps, analyse haute fréquence, champ analytique

Referências

- Baranger, M. & Baranger, W. (2010). A situação analítica como um campo dinâmico. In *Livro anual de psicanálise* (Tomo 24, pp. 187-214). Escuta. (Trabalho original publicado em 1962)
- Baranger, W. (1981). *Posição e objeto na obra de Melanie Klein*. Artes Médicas.
- Bion, W. R. (1991a). Uma teoria do pensar. In E. B. Spillius (Ed.), *Melanie Klein hoje: desenvolvimentos da teoria e da técnica* (Vol. 1, pp. 185-193). Imago. (Trabalho original publicado em 1961)
- Bion, W. R. (1991b). Ataques ao elo de ligação. In E. B. Spillius (Ed.), *Melanie Klein hoje: desenvolvimentos da teoria e da técnica* (Vol. 1, pp. 95-109). Imago. (Trabalho original publicado em 1959)
- Bion, W. R. (2004). *Elementos de psicanálise*. Imago. (Trabalho original publicado em 1963)
- Bion, W. R. (2007). *Atenção e interpretação*. Imago. (Trabalho original publicado em 1970)
- Bion, W. R. (2021). *Aprender da experiência*. Blucher. (Trabalho original publicado em 1962)

- Franco Filho, O. M. (2008). O principal instrumento de trabalho do analista. *Jornal de Psicanálise*, 41(74), 249-256.
- Freud, S. (1969). Parapraxias: Conferência I. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 15, pp. 29-XX). Imago. (Trabalho original publicado em 1916[1915])
- Freud, S. (1996). O estranho. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, pp. 234-276). Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Klein, M. (1996). “O luto e suas relações com os estados maniaco-depressivos”. In M. Klein, *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)* (pp. 387-412). Imago. (Trabalho original publicado em 1940)
- Knijnik, J.; Rispoli, A.; Tofani, A. C. A.; Mello, C. O.; Rubin, L. C.; Pacheco, M. H. R. & Eizirik, C. L. (2012). Baluarte, surpresa e comunicação no campo analítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46(1), 150-161.
- Levy, R. (2017). Intimidade: o dramático e o belo no encontro e desencontro com o outro. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(3), 111-132.
- Mattos, J. A. J. (2018). Pré-concepção e transferência. In J. A. J. Mattos, *Impressões de minha análise com Wilfred R. Bion e outros trabalhos* (pp. 267-312). Blucher.
- Meltzer, D. (1971). A colheita da transferência. In D. Meltzer, *O processo psicanalítico* (pp. 01-17). Imago. (Trabalho original publicado em 1967)
- Meltzer, D. (1986). Identificação adesiva. *Jornal de Psicanálise*, 19(38), 40-52. (Trabalho original publicado em 1975)
- Meltzer, D. (1990) ¿Qué es una experiencia emocional? In *Metapsicología ampliada, aplicaciones clínicas de las ideas de Bion* (pp. 16-30). Spatia.
- Meltzer, D. (1994). A apreensão do belo: o papel do conflito estético no desenvolvimento, na violência e na arte. Imago. (Trabalho original publicado em 1988)
- Ogden, T. H. (1996a). Sobre o conceito de uma posição autística-contígua. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 30(2), 341-364.
- Ogden, T. H. (1996b). O terceiro-analítico: trabalhando com fatos clínicos intersubjetivos. In T. H. Ogden, *Os sujeitos da psicanálise* (pp. 57-91). Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1994)
- Perrini, E. A. L. (2011). A intensidade da vida psíquica e seus terrores na experiência psicanalítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45(4), 139-151.
- Sandler, P. C. (2021). A linguagem de Bion: um dicionário enciclopédico de conceitos. Blucher. (Trabalho original publicado em 2005)

Cássia Teixeira Assef

Sapisochin, G. (2021). Enactment: a escuta dos gestos psíquicos. In *Livro anual de psicanálise* (Tomo 35, pp. 95-119). Escuta. (Trabalho original publicado em 2019)

Trevisan, R. (Coord. Edit.) (2015). *Michaelis: dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Melhoramentos. <https://michaelis.uol.com.br/português/busca/português-brasileiro/normatizar/>.

Vannucchi, A. M. S. (2013). Medo e paixão na formação analítica: uma trajetória pessoal. *Jornal de Psicanálise*, 46(85), 49-60.

Cássia Teixeira Assef
cassiassef@gmail.com

Recebido em: 28/1/2025

Aceito em: 12/4/2025

DOI: 10.5935/0103-5835.v58n108.05